



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE - PB
PRÓ – REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
(PROEAD)
CURSO DE PEDAGOGIA / PARFOR / CAPES**

JOANA PAULA DO NASCIMENTO JUSTINO

**PRÁTICA DIDÁTICA E INCLUSÃO: CONVIVENDO COM A DIFERENÇA EM SALA
DE AULA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

JOANA PAULA DO NASCIMENTO JUSTINO

PRÁTICA DIDÁTICA E INCLUSÃO: CONVIVENDO COM A DIFERENÇA EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia – PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof^a. Ms. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J96p Justino, Joana Paula do Nascimento.

Prática didática e inclusão [manuscrito] : convivendo com a diferença em sala de aula / Joana Paula do Nascimento Justino. - 2019.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande , 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro , Departamento de Educação - CEDUC."

1. Didática. 2. Educação especial. 3. Inclusão escolar. I.

Título

21. ed. CDD 371.3

JOANA PAULA DO NASCIMENTO JUSTINO

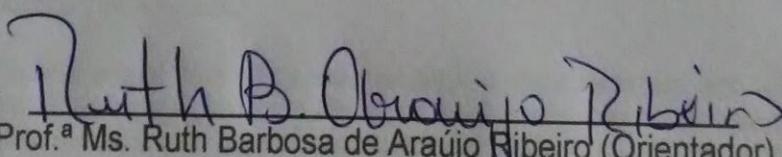
PRÁTICA DIDÁTICA E INCLUSÃO: CONVIVENDO COM A DIFERENÇA EM SALA DE AULA

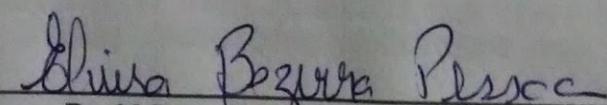
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia d PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

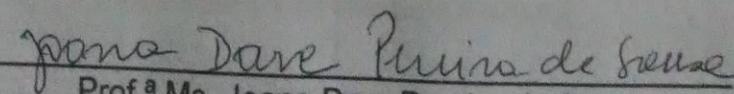
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 15/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dra. Elvira Bezerra Pessoa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms. Joana Darc Pereira de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO	8
2.1	Prática Didática: Uma abordagem histórica	8
2.1.1	<i>Direitos humanos e inclusão</i>	10
2.1.2	<i>Identidade e diferença no contexto escolar</i>	12
2.1.2.1	<i>Diagnose do campo de pesquisa e sujeitos participantes</i>	16
2.1.2.1.1	<i>Inclusão Escolar: o respeito as diversidades dentro da sala de aula</i>	18
3	METODOLOGIA	19
4	RELATO DE EXPERIÊNCIA: INCLUSÃO A PARTIR DE UMA PRÁTICA LÚDICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE FAGUNDES – PB	21
	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24

PRÁTICA DIDÁTICA E INCLUSÃO: CONVIVENDO COM A DIFERENÇA EM SALA DE AULA

Joana Paula do Nascimento Justino*

RESUMO

O presente artigo traz uma abordagem sobre a importância de uma prática didática lúdica que favoreça o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. O mesmo tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado no Estágio III, em uma escola pública na cidade de Fagundes- PB. Momento que foi realizado um projeto de intervenção com uma turma do fundamental I, abordando a temática: *Inclusão Escolar - o respeito a diversidades dentro da sala de aula*. Através do desenvolvimento desse projeto, foi possível conduzir momentos de conscientização, mostrando aos alunos como é importante respeitar as diferenças entre as pessoas, percebendo que cada indivíduo apresenta algum tipo de limitação seja na aprendizagem, na realização de tarefas, de locomoção, visão entre outras. A metodologia utilizada para esse artigo, foi a pesquisa qualitativa e participante. Já teoricamente nos baseamos em autores a exemplo de Monteiro (2001); Libâneo (2002); Carvalho (2002) entre outros. A partir dos resultados obtidos através da semana de intervenção bem como a participação interativa dos alunos, conclui-se que apesar da inclusão ser um tema bastante discutido socialmente, ainda tem deixado a desejar especialmente em sala de aula. Pois, alguns profissionais da educação não se apresentam abertos em desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam o processo inclusivo.

Palavras-chave: Didática. Educação Especial. Inclusão Escolar.

* Aluno de Graduação em pedagogia/PAFOR da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: paulajoana100@gmail.com

ABSTRACT

DIDACTIC PRACTICE AND INCLUSION: CONVIVING WITH THE DIFFERENCE IN A CLASSROOM.

Joana Paula do Nascimento Justino*

This article presents an approach on the importance of a playful didactic practice that favors the process of inclusion of students with special educational needs. The objective of this study is to present an experience report in Stage III, in a public school in the city of Fagundes-PB. The moment that an intervention project was carried out with a group of the fundamental I, addressing the theme: School Inclusion - respect for diversity within the classroom. Through the development of this project, it was possible to conduct moments of awareness, showing the students how important it is to respect the differences between people, realizing that each individual presents some type of limitation be it in learning, in the accomplishment of tasks, of locomotion, vision among others. The methodology used for this article was qualitative and participatory research. Already theoretically we rely on authors such as Monteiro (2001); Libâneo (2002); Carvalho (2002) among others. From the results obtained through the intervention week as well as the interactive participation of the students, it is concluded that although inclusion is a topic that is much discussed socially, has left something to be desired especially in the classroom. For some professionals in education are not prepared to develop pedagogical practices that favor the inclusive process.

Keywords: Didactic. Special Education. School Inclusion.

* Aluno de Graduação em pedagogia/PAFOR da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: paulajoana100@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vivenciamos vários fatos de exclusão e preconceito contra as pessoas com deficiência, seja na rua, na mídia, no trabalho ou até mesmo em sala de aula. Por isso há necessidade de aprofundar o debate sobre o tema “Prática didática e inclusão: Convivendo com a diferença em sala de aula”, pois o professor convive diariamente com diversos tipos de alunos cada um com características e limitações específicas. De maneira que o mesmo deve proporcionar práticas didáticas que venham favorecer a inclusão.

A concretização desse artigo teve como base principal o Estágio III, em educação fundamental, que foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental I Frei Alberto, localizada na cidade de Fagundes – PB, na turma do 5º ano com 23 alunos. Durante o estágio tivemos dois momentos: o de observação, no qual observamos a prática docente da professora titular da turma e elaboramos um projeto de intervenção, tendo como referência o tema sobre inclusão social já que na turma tinha um aluno com deficiência mental que não conseguia interagir com os demais alunos e vice-versa. O segundo momento foi o da prática docente, onde passamos cinco dias ministrando aula e colocando em prática o projeto de intervenção junto com os alunos.

Nesse artigo temos como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado no Estágio III, em uma escola pública na cidade de Fagundes- PB. Um trabalho que foi direcionado a conscientização e reflexão sobre as diferenças entre os indivíduos, mostrando aos alunos como é importante respeitar o outro, percebendo que cada um tem algum tipo de limitação seja na aprendizagem, na realização de tarefas, de locomoção, visão entre outras. O que fizemos durante o estágio, foi proporcionar momentos de interação entre a turma aproximando-os uns dos outros, com proposta didáticas realizadas de maneira lúdicas através de leituras músicas, vídeos e relatos de pessoas com deficiência as quais apresentaram que podem ter uma vida normal mesmo com as limitações que as acompanham.

O processo de aceitabilidade junto a crianças com e sem deficiência na Escola Frei Alberto do município de Fagundes foi bem recebido ao ser apresentado a professora e aos alunos da turma. Durante as aulas os alunos mostraram grande interesse sobre o tema, relataram experiências vividas e vistas no seu dia-a-dia. Assim como passaram a interagir e incluir o aluno com necessidades educacionais especiais, que havia na sala, nas atividades cotidianas. De maneira que ao fim do estágio, percebeu-se que a turma ficou mais unida e as relações interpessoais começaram a surgir e se consolidar. No entanto, na finalização desse artigo, passamos a compreender também que apesar da inclusão ser um tema bastante discutido nos últimos tempos, ela ainda tem deixado a desejar especialmente em sala de aula. Pois, alguns profissionais da educação não se apresentam abios em desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam o processo inclusivo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Prática Didática e Inclusão: Uma abordagem histórica

Sabe-se que no campo profissional o que mais pesa quando iremos executar uma determinada tarefa, é a prática que utilizamos para realizar a mesma, por meio dela obtemos bons êxitos e conseguimos desempenhá-la da melhor forma possível.

Com o processo educacional não é diferente, ele requer métodos específicos para ser desenvolvido e abranger o maior número possível de pessoas, formando cidadãos pensantes, capazes de interagir, refletir, opinar e conseguir tomar decisões escolhendo seus próprios caminhos. Para que tudo isso se transforme em realidade cabe ao professor ter uma boa formação acadêmica e uma prática didática flexível para que possa atingir todos seus alunos bem como inclui-los juntamente aos demais para que todos aprendam o mesmo conteúdo de forma diferente, tendo em vista que ninguém é igual a ninguém, cada indivíduo tem seu próprio tempo para se desenvolver e amadurecer.

Parafraseando Albuquerque (2002), podemos observar que a prática da didática surgiu em meados do século XVII, quando Comenius escreveu a “Didática Magna”, na qual sua meta principal de ensino era “Ensinar tudo a todos com economia de tempo e de fadiga”, baseando sua fundamentação na Teologia, com

procedimentos didático-metodológico usados para atingir principalmente a burguesia que era a classe dominante da época. Percebe-se então que o processo-ensino aprendizagem de antigamente era destinado apenas a quem tinha dinheiro ou seja era centralizado na classe alta da sociedade. Ao refletirmos sobre o conceito de didática, observamos que Libaneo (2002, p.5) define a didática como:

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. (LIBANEO, 2002, p.5)

Atualmente o processo de escolarização é direito de todas as pessoas sem distinção de cor, raça, sexo e principalmente pessoas com algum tipo de deficiência física ou mental, pois a partir da educação o ser humano pode se desenvolver, interagir e contribuir com seu trabalho junto a sociedade. De acordo com Damis (1998):

É agora defendida a escolarização para todos, pois a burguesia necessitava de desenvolver um novo homem que pudesse contribuir para transformar, através do trabalho, as antigas relações sociais predominantes. A educação escolarizada deveria agora ser um direito de todos uma vez que o triunfo do capitalismo pressupunha, também, o desenvolvimento de certo nível intelectual de compreensão de mundo (DAMIS, 1988, p. 16).

A medida que a didática foi se desenvolvendo e sendo usada como ferramenta de trabalho para o professor, ela foi se aperfeiçoando e seus métodos de escolarização sendo testados no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Através dos resultados obtidos o professor escolhe o melhor método para pôr em prática com sua turma. Levando-se em consideração o uso da didática para que ocorra de fato a inclusão dentro da escola, o professor deve conhecer e fazer uma sondagem com os alunos para tentar identificar algum tipo de limitação que o aluno possui e que não é visível a olho nu, ou seja, a dificuldade de aprendizagem por exemplo que passa despercebida pelo professor. Através da sua didática ele pode desenvolver atividades diferenciadas para os alunos especiais usando o mesmo conteúdo, transmitindo de forma diferente que atenda a todos. Fazendo isso começamos a incluir os alunos no ambiente escolar. Todos terão oportunidades iguais bem como os conhecimentos adquiridos através das aulas. Para Monteiro (2001):

[...] A inclusão é a garantia a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, uma sociedade mais justa, mais igualitária, e

respeitosa, orientada para o acolhimento a diversidade humana e pautada em ações coletivas que visem a equiparação das oportunidades de desenvolvimento das dimensões humanas (MONTEIRO, 2001, p. 1).”

Atualmente a didática serve como ferramenta para auxiliar o professor a transmitir conhecimento aos alunos de forma flexível e dinâmica fazendo com que a aprendizagem se der forma satisfatória e igualitária, pois todo mundo tem o direito de aprender de forma diferente.

2.1.1 Direitos humanos e inclusão

É comum encontrarmos na nossa sociedade e até mesmo dentro da sala de aula cenas de preconceito, bullying e desrespeito praticados contra as pessoas com algum tipo de deficiência. Ao refletirmos sobre os desafios enfrentados por elas todos os dias, e que na maioria das vezes acabam se silenciando ao sofrer algum tipo de abuso como preconceito, exclusão, exposição de sua imagem entre outros por não conhecer os direitos que lhes são garantidos por lei.

No campo educacional não é diferente, todas as crianças que possuem algum tipo de deficiência sejam mentais ou físicas, possui o direito de estudar em uma escola da rede pública como na rede privada e ter o direito à igualdade de oportunidades como as demais crianças. Muitas das vezes rotulamos nossos alunos de serem incapazes para realizar determinada tarefa principalmente quando as mesmas possuem algum tipo de limitação, quando isso acontece acabamos excluindo essas pessoas do nosso meio social e os privando de ter oportunidades iguais aos demais.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2016), em seu artigo 27, ressalta que:

Art. 27. A educação constitui o direito da pessoa com deficiência, assegurados no sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (p.55)

Atualmente, temos nossos direitos assegurados por lei com objetivo de proteger todas as pessoas com ou sem deficiência, assegurando-nos vários direitos tais como educação, saúde, moradia entre outros. No caso a educação deve vim por

parte da família como pelo Estado. O processo educacional de antigamente era restrito somente para a classe dominante, ou seja a elite, só filhos de família ricas tinha o direito de frequentar as escolas. Hoje muitas coisas mudaram e o sistema educacional vem cada vez mais evoluindo e fazendo tudo para que todas pessoas sem exceção possam estudar e adquirir conhecimento.

A transmissão de conhecimento começa agora desde o ensino infantil até os cursos mais avançados da educação, fazendo com que a educação chegue na maioria das pessoas, bem como aos professores que recebem cursos de formações para aprimorar seus conhecimentos e suas práticas pedagogias para atender aos diferenciados tipos de alunos sem menosprezar a capacidade de aprendizagem e dando oportunidades aos alunos com deficiências a se descobrirem e reconhecerem que são capazes de realizar tarefas, estudar e aprender.

A Inclusão Escolar, não acontece do dia para noite, muito menos sem recurso para adaptar o ambiente de forma correta facilitando o dia-a-dia do aluno com deficiência, além de cursos específicos para qualificar o professor e os demais componentes das escolas para que em conjunto possam receber da melhor forma possível os alunos com ou sem deficiência. Conforme podemos observar no Art. 28:

III – projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; (p.56 – 57)

XI – formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio; (p.60)

XV – acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar; (p.61)

A Inclusão Escolar deve se dar de forma participativa com a união de todos os componentes da escola junto com poder público principalmente a família para que de forma igualitária e humanizada todos alunos com ou sem deficiência possa se sentir acolhido e membro de nossa sociedade, onde os alunos aprenderam respeitar e ser respeitado, a valorizar a vida, onde todos terão seus direitos garantidos.

2.1.2 Identidade e diferença no contexto escolar

Ao falarmos sobre identidade e diferença no contexto escolar, temos que levar em consideração as questões sobre o multiculturalismo que existe em nosso país, o qual temos uma enorme variedade de culturas, religiões, etnias costumes entre outros, enfatizando sempre a importância do respeito para com as pessoas. Parafraçando SILVA(2013b), podemos observar que o multiculturalismo apoia-se vagamente no apelo a tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. O autor ainda comenta que a diferença e a identidade tende a ser neutralizada na perspectiva da diversidade e que ambas causas estranheza na discussão pela ausência de uma teoria.

Em contra partida, utilizamos também o conhecimento de CANDAU (2008) sobre o assunto estudado, e parafraçando-a vemos que atualmente vivemos em um mundo que passa por várias mudanças, e que muitas das vezes não somos capazes de compreender porque tais mudanças acontecem. Para alguns estudiosos o que acontece é que estamos vivendo em uma época, onde acontecem mudanças significativas e ao mesmo tempo muito rápida, o que eles costumam chamar de mudança de época, ou seja, o ser humano começa a enxergar o mundo em que ele está inserido com um olhar diferente. Diante dessa atual realidade, surgiu a necessidade de um intenso debate em cima da das questões que envolvam a identidade e a diferença.

As questões que envolvem a identidade e diferença, abre uma série de questionamentos a respeito do eu e do outro, do tipo: “somos todos iguais ou todos diferentes?”. CANDAU (2008), utiliza-se da fala do professor Pierucci (1999) para sintetizar essa tensão:

APUD CANDAU (2008), O professor Antônio Flavio Pierucci, no seu instigante livro *Ciladas das diferenças* (1999), sintetiza assim essa tensão:

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envolvidos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato [...], mas somos também diferentes de direito. É o chamado “direito à

diferença”, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different!, como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros. (Pierucci, 1999, p. 7).

Levando-se em consideração a fala de Pierucci (1999), refletiremos como o ambiente escolar vem colaborando com o desenvolvimento dessa questão que envolve a identidade e a diferença, sabendo-se que uma complementa a outra. Porém a seguir, iremos conceituar de forma individual a identidade e a diferença, utilizando da fala de outros autores, após essa reflexão sobre os conceitos fazemos uma abordagem de ambas no nosso contexto escolar.

Com relação a identidade, DUBAR (1997), define-a como sendo:

Resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Dubar (1997, p.36)

Partindo desse pressuposto, vemos que o conceito de Dubar (1997) para o termo “identidade”, resulta do processo de socialização onde as relações pessoais acontece e as pessoas começam a analisar as outras pessoas e ao mesmo tempo analisando também sua história de vida para que possa ser traçado sua identidade.

Em contra partida temos CIAMPA (1987, p.36), que descreve o processo de identidade como sendo uma “metamorfose, ou seja, em constante transformação, o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico-social e seus projetos”. A nossa identidade provém da nossa história, junto aos nossos antepassados vivendo nosso presente e fazendo planos para nosso futuro, ou seja, vivendo nossa vida de maneira diferente como por exemplo mudando alguns de nossos costumes, aderindo a outra religião e cultura por um longo ou curto tempo, fazendo com que a identidade fique em constante transformação podendo ser criada e recriada a cada dia, conforme afirma SILVA (2013):

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição. (SILVA, 2013b, p. 96).

Dessa maneira devemos começar ensinando e ajudando os alunos a descobrirem sua própria identidade tendo como ponto de partida os laços familiares, pois ela já possui uma identidade já pré-definida bem como uma religião, a cultura, etnia entre outros. Porém com o passar do tempo essa identidade pode sofrer algum tipo de alteração sendo influenciada pelo meio social em que o indivíduo está inserido.

FARIA e SOUZA (2011), diz que a identidade “é a articulação entre a igualdade e a diferença”, e ainda acrescenta que “a essência da identidade constrói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras e considerando-se esses vínculos estáveis. Através das definições dos autores citados, podemos deduzir que a identidade está ligada diretamente a diferença existente em uma pessoa, dessa forma podemos compreender que a identidade é a um complemento da diferença, ou seja a nossa identidade pessoal nos torna diferentes dos demais, com características físicas, motoras, mentais únicas determinada em cada indivíduo. Retomando SILVA (2009), ele coloca a identidade como definição da diferença, na qual o que eu sou determina o que o outro não é, e geralmente “consideramos a diferença como um produto da identidade”.

No entanto para entendermos melhor o conceito de diferença, levando em consideração que a mesma é uma extensão da identidade e que está em cada indivíduo, de forma única, começamos a pensar na diferença usando o termo de “diferenciação”, que Silva (2013b) definiu como sendo um processo central pelo qual processo ambas são produzidas. SILVA, (2013b) deixa bem claro em sua fala como se dá esse processo de diferenciação partindo da identidade, vejamos:

A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). (Silva,2013b, p.81-82)

O que acontece na maioria das vezes, é que a palavra “diferença” vai além do seu significado, a qual é usada em algumas situações de exclusão das pessoas que não possuem as características semelhante a maioria da sociedade, o que acaba se

tornando preconceito e exclusão de pessoas, principalmente com algum tipo de deficiência.

Levando em consideração tudo que já foi exposto até aqui, fazemos uma breve reflexão de como acontece e como está sendo debatido esse tema de identidade e diferença no contexto escolar, atualmente na escola são recebidos diversos tipos de alunos, todos diferentes no que se diz respeito às características físicas e psicológicas, de diferentes religiões, culturas, lugares, costumes... cada qual com sua identidade própria, fazendo com que a escola se torne em um vasto lugar cheio de diversidade fazendo-se necessário, que a mesma use toda essa diferenciação para transmitir e compartilhar os conhecimentos trazidos por cada aluno fazendo com que a identidade e a diferença sejam vividas por eles na prática e na vivencia do dia-a-dia.

Tomando como base o texto das autoras CANEN e XAVIER (2011), em resumo podemos observar que a diversidade cultural brasileira tem sido alvo de estudo no campo educacional e conceitos como diversidade, diferença, igualdade e justiça social tem se tornado uma preocupação, por parte daqueles que lutam por uma educação de qualidade e cidadã. A mesma ainda cita a formação inicial ou continuada de professores como sendo um lócus privilegiado principalmente para a criação e implementação de proposições que possibilitem novos caminhos e avanços que valorizem a diversidade cultural no contexto escolar, ou seja, dar ênfase ao processo de construção da identidade e de respeito as diferenças dos alunos desde os anos iniciais de escolarização.

CANEN e XAVIER (2011), ainda afirma que:

Dentro dessa abordagem, a formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania.

A partir desse olhar diferenciado, a educação exerce de fato seu papel o de incluir todas as pessoas com ou sem deficiência, formar cidadãos críticos capazes de respeitar e conviver com as diversidades existente na nossa sociedade atual.

2.1.2.1 Diagnose do campo de pesquisa e sujeitos participantes

A instituição escolar depois do ambiente familiar é um dos lugares que mais a criança frequenta e começam a ter contatos com outros adultos e crianças diferentes do que eles já estão acostumados. É através da escola que as crianças aprendem a conviver em sociedade, a perceber que as outras pessoas que compõem a escola são diferentes, cada um com seu jeito de ser, na escola elas vão conviver com a diversidade, com os desafios e também com as soluções que aprenderam através dos conhecimentos adquiridos na mesma. Portanto o ambiente escolar deve ser um lugar acolhedor, com profissionais responsáveis e capacitados, tendo como principal representante a equipe da gestão pedagógica, pois ela está diretamente envolvida no que diz respeito a escola. LUCK (2009), comenta que:

A gestão pedagógica é, de todas as dimensões da gestão escolar, a mais importante, pois está mais diretamente envolvida com o foco da escola que é o de promover aprendizagem e formação dos alunos, conforme apontado anteriormente. Constitui-se como a dimensão para a qual todas as demais convergem, uma vez que está se refere ao foco principal do ensino que é a atuação sistemática e intencional de promover a formação e a aprendizagem dos alunos, como condição para que desenvolvam as competências sociais e pessoais necessárias para sua inserção proveitosa na sociedade e no mundo do trabalho, numa relação de benefício recíproco. Também para que se realizem como seres humanos e tenham qualidade de vida. (LUCK, 2009, p. 95).

De fato, os componentes da escola são de grande valia para o bom funcionamento da mesma, desde o cargo mais simples como o de faxineiro até a gerência pois, sem eles a escola seria incapaz de funcionar do mesmo modo, os alunos que também compõem o corpo discente da escola. Daí a importância de se conhecer melhor todo funcionamento do campo de estágio que foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental 1 Frei Alberto, está localizada na Rua Plínio Lemos, nº 13, centro da cidade de Fagundes – Paraíba, a mesma funciona de segunda a sexta-feira nos turnos manhã e tarde, começando o expediente de 7:00 hs as 11:30 hs da manhã e à tarde das 13:00 as 17:00 hs.

A escola foi construída e inaugurada em 15 de agosto de 1954 e recebe esse nome em homenagem ao monge carmelita “Frei Alberto Santa Julia Cabral” que prestou muitos serviços à comunidade de São João Batista em Fagundes, sendo então a primeira escola a funcionar no município, antigamente ela contava com 4

salas de aula, secretaria, diretoria, banheiros e uma grande área que servia para as crianças brincarem na hora do intervalo. Atualmente a escola passou por uma reforma na parte elétrica e estrutural e dispõe de 6 salas de aula de 1º ao 5º ano, 1 sala de atendimento especializado, 2 banheiros, 1 cantina, 1 secretaria, 1 quadra esportiva, 1 sala dos professores e 1 dispensa para guardar a merenda escolar.

O sujeito participante da escola é composto por: 12 professores, 2 auxiliares de serviços gerais, 1 merendeira, 2 secretárias, 2 porteiros, 2 inspetores, 2 auxiliar de secretaria, e a gestora Carla Danyela da Silva Oliveira. Todos trabalham em parceria com a comunidade no sentido de melhorar as condições educacionais da mesma. No que diz respeito a formação acadêmica da equipe, temos: os professores são formados em pedagogia, os dois vigilantes possuem ensino médio, uma merendeira possui o ensino fundamental, os dois porteiros possuem o ensino médio, os dois inspetores possuem o ensino médio, dois auxiliares auxiliar de secretaria possuem o ensino médio e os auxiliares de serviços gerais possuem o ensino médio. Quanto ao corpo discente a gestora nos informou que neste ano de 2018 a escola tem 153 alunos distribuídos da seguinte forma: no 1º ano - 20 alunos, 2º - 20 alunos, no 3º - 23, no 4ºA - 21, no 4ºB - 16, no 5ºA - 23 e no 5ºB - 32 alunos.

A gestora nos relatou ainda que os recursos financeiros são todos provenientes do governo do estado porém, a escola encontra-se necessitando de alguns reparos, principalmente na sua pintura pois a instituição está muito danificada pela ação dos pardais e andorinhas. Ela nos enfatizou que este reparo tem sido solicitado pela 3ª regional de ensino por várias vezes e que os mesmos ainda não foram atendidos até o momento. Já na parte de material didático ela possui ótimos recursos pedagógicos como: livros didáticos, rádio, televisão, ventiladores, impressora jogos educativos, quadro branco bebedouros todos em bons estados de conservação.

Quanto as instâncias colegiadas da escola Frei Alberto podemos citar: conselho escolar, planejamento pedagógico, reuniões administrativas de pais e de mestres.

2.1.2.1.1 Inclusão Escolar: O respeito as diversidades dentro e fora da sala de aula – Projeto de Intervenção

O Estágio III em ensino fundamental foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Frei Alberto localizada na cidade de Fagundes – PB, em uma turma matutina do 5º ano com 23 alunos, onde a princípio passei 5 dias letivos somente observando a prática da docente e os alunos da turma. Logo de início percebi que a turma era composta por vários grupos fragmentados ou seja, os alunos ficavam a aula toda em grupos de no máximo cinco alunos, onde eles só interagiam entre si, entretanto tinha um único aluno que ficava isolado sozinho lá no fundo da sala, quando perguntei a professora porque ele ficava a aula toda sozinho ela me informou que o mesmo tinha problemas mentais e as crianças não interagiam com ele porque ele não sabia fazer nada na sala de aula e também a professora não ajudava na interação entre todos os alunos.

O comportamento da turma foi o mesmo durante a semana toda, pensando em como ajudar a turma a interagir entre eles e ao mesmo tempo incluir o aluno com deficiência mental na rotina diária, comecei a redigir o Projeto de Intervenção com o tema “Inclusão Escolar: O respeito as diversidades dentro e fora da sala de aula, dessa forma, a educação inclusiva irá assumir um papel de grande importância na sociedade contemporânea e na escola. Pois acreditamos que respeitar é necessário, mas não basta apenas “aceitar ou tolerar”, é fundamental considerar as diferenças, pensar e planejar uma intervenção pedagógica que contemple as funções daquilo que, institucionalmente, é competência das escolas. Não é aceitável a frase: “Não estamos preparados”, pois a inclusão deve começar pelo processo educacional.

De acordo com Carvalho (2002, p. 120), uma escola inclusiva é aquela escola que inclui a todos, que reconhece a diversidade e não tem preconceito contra as diferenças, que atende às necessidades de cada um e que promove a aprendizagem. Foi com esse intuito de aproximar e incluir os alunos uns dos outros ensinando e refletindo sobre a importância do respeito bem como a aproximação e convivência no ambiente social e escolar.

O projeto foi posto em prática durante 5 dias consecutivos, no seu processo de produção foi pesquisado literaturas infanto-juvenil sobre o tema, vídeos e músicas que transmitissem uma mensagem de inclusão, de diversidade, respeito as diferenças e solidariedade, para ser usado como material didático durante as aulas. O mesmo dispôs de uma metodologia flexível para dar oportunidade a todos os alunos da turma de participarem e interagirem uns com os outros, trocando e compartilhando conhecimentos.

3 METODOLOGIA

Levando-se em consideração as leituras sugeridas, os estágios anteriores, as aulas teóricas e práticas bem como o conhecimento prévio, foi possível acumular vários tipos de conhecimentos que na maior parte facilitaram o desenvolvimento deste tema tanto na parte teórica como na prática.

A pesquisa utilizada foi do tipo qualitativa e participante, considerando uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, onde ambos possuem uma ligação indissociável, não podendo ser traduzida em números. Segundo Fernandes (2003):

Os métodos qualitativos descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas através de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva. Todas as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente. (FERNANDES, 2003).

O objeto geral do estudo e os objetivos específicos propõe de forma intencional a levarem os sujeitos da pesquisa (alunos) a refletirem sobre um tema que vem sendo abordado no nosso cotidiano e na nossa sociedade. A abordagem metodológica se dá de forma teórica e prática havendo uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito.

Já a pesquisa participativa se dá através da participação ativa do investigador, ou seja ele convive durante todo o processo de pesquisa junto ao seu objeto de estudo, observando-o e analisando-o, produzindo problemáticas e procurando soluções para tentar resolver os problemas encontrados.

BRANDÃO (1998), define a pesquisa participativa como sendo “a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”. Tomando como base a fala do autor podemos dizer que o professor é o incentivador, ele repassa autoconfiança aos alunos fazendo com que eles cresçam no campo profissional e pessoal, para que no futuro ele se torne independente.

Ainda citando BRANDÃO (1998), podemos observar em sua fala que a pesquisa participante tem:

Seu contexto de utilização relacionado às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir (Brandão, 1998, p.43)

No ambiente escolar é de grande valia a pesquisa participativa pois, o investigador/professor, está em um campo de investigação no caso a escola, que forma cidadãos/alunos para vida social e cultural, partindo dessa reflexão vemos que o autor SCHMIDT (2016), afirma que:

O termo participante sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor. (Schmidt, 2006.p.14)

A parte teórica baseou-se no estudo do tema com autores variados levando sempre em consideração a importância e relevância do mesmo para vida social, escolar e pessoal dos alunos, eles tiveram momentos reflexivos através de conversas e discursões sobre Inclusão Escolar.

O trabalho de campo é composto por duas partes uma de observação da prática docente, durante uma semana fiquei observando a aula da professora no meu campo de estágio, à medida que eu observava eu fazia minhas anotações referentes as aulas e sua didática, pois iam auxiliar-me na escrita do meu relatório bem como no planejamento das minhas aulas. A segunda parte se deu através da prática docente onde, ministrei aula na turma que observei e a professora da turma me observava, sem fazer interferência nenhuma.

Galliano (1986, p. 26) afirma que “ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir suas relações com outros fatos e explicá-los”, portanto para pôr em prática o tema em questão foi necessário muita leitura e estudo disfrutando de uma didática flexível para atender os mais variados tipos de alunos.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: INCLUSÃO A PARTIR DE UMA PRÁTICA LÚDICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE FAGUNDES

O curso de Pedagogia do PARFOR tem como finalidade a formação superior de professores para ministrar aulas do ensino infantil até o 5º ano do ensino fundamental I. É por meio dele que aprendemos as teorias e as práticas para realizamos um trabalho de qualidade na educação. Durante o curso, fizemos 3 estágios supervisionados: gestão educacional, educação infantil e educação fundamental, todos foram divididos em duas etapas, a de observação e a de prática onde tivemos que desenvolver projetos e coloca-los em prática na instituição de estágio.

O estágio supervisionado em educação fundamental foi a referência para a escrita deste artigo pois trata-se de um tema atual e que é de interesse dos componentes da escola como pais, professores, alunos e dos demais componentes da instituição já que a mesma convive diariamente com as diversidades e diferenças de todos. A parte da observação do estágio durou 5 dias de aula letivo de segunda a sexta-feira, nos quis eu fui até a Escola Frei Alberto assistir aula em uma turma do 5 ano no período da manhã, a mesma era composta por 23 alunos na faixa etária de entre 9 a 11 anos e um aluno com deficiência mental de 15 anos de idade. Logo percebi que não havia interação entre elas e que este aluno especial ficava sempre afastado dos demais dentro e fora da sala de aula, partiu daí a ideia de debater o tema sobre inclusão escolar junto com as crianças na perspectiva de uni-los e ao mesmo tempo ajudá-los a conviver com as diferenças.

O objetivo principal e norteador desde o princípio da escolha desse tema tanto para o projeto de intervenção como para a concretização deste artigo foi apresentar e desenvolver na sala de aula um trabalho de conscientização e reflexão mostrando aos alunos bem como as demais pessoas que fazia parte da escola como é importante respeitar as diferenças e as diversidades das pessoas e os

objetivos específicos que serviram para auxiliar na escrita do relato de experiência ajudando a levar os alunos a conhecerem melhor suas limitações, percebendo que cada um tem algum tipo de limitação seja na aprendizagem, na realização de tarefas, de locomoção, visão entre outras, proporcionar momentos de interação entre a turma e aproximando-os uns dos outros ao mesmo tempo, bem como mostrar através de leituras músicas, vídeos e relatos de pessoas com deficiência que elas pode ter uma vida normal através das limitações sempre respeitando o ser humano.

Antes de colocar o projeto em prática foi feita uma pesquisa bibliográfica, onde foi pesquisado o que vários autores falavam sobre a inclusão escolar, músicas, poemas e livros de literatura infantil todos com o intuito de tornar as aulas mais dinâmica e participativas contando com a presença de todos os alunos da turma. Na sala de aula, na medida que eu ia expondo e apresentando o tema para aos alunos, pude observar o interesse das mesmas pelo assunto, elas interagiram em todas as aulas, debateram entre eles deram suas opiniões e fizeram várias reflexões de como agiam e como iam passar a agir após conhecer mais sobre o tema, na maioria das reflexões se colocavam no lugar das pessoas com deficiências.

Foi muito gratificante ver o entusiasmo dos alunos a medida que eles assumiam que precisava mudar sua postura diante das pessoas especiais, perceberam que todos somos iguais porém, cada um com suas limitações específicas. No primeiro dia de aula por exemplo, levei a música “Normal é ser diferente” do cantor Jair Oliveira, distribui a letra da música com os alunos e pedi para que eles fizessem uma leitura silenciosa, após fizemos uma leitura em voz alta onde todos leram juntos. Quando todos já estavam familiarizados com a música coloquei para eles escutarem duas vezes, depois cantamos todos juntos. As crianças adoraram a música e passaram a cantá-la todos os dias da semana de intervenção no início da aula, foi muito importante para todos nós esse momento de cantar e ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre nossos atos no nosso dia-a-dia.

Durante a semana de intervenção as atividades foram feitas todas em grupos, cada dia era formado um grupo novo, com intuito de fazer os alunos se socializassem entre si, um ajudar o outro, e principalmente incluir o colega com

deficiência nas atividades, e o mais importante fazendo com que eles se unissem já que todos se conhecem e estão todos os dias juntos. Acredito que todos os objetivos apresentados neste relatório foram alcançados e que os alunos do 5º ano da turma da manhã, a partir de agora consigam ver com outros olhos os outros colegas e as pessoas com ou sem deficiência que estão ao seu redor, ou seja, que mesmo com limitações e diferenças somos todos iguais e queremos respeito e igualdade em todos os lugares.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos na semana de intervenção bem como a participação interativa dos alunos, conclui-se que apesar da inclusão ser um tema bastante discutido, nos últimos tempos, ela ainda tem deixado a desejar especialmente em sala de aula. Pois, alguns profissionais da educação não se apresentam abertos em desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam o processo inclusivo. Por isso, que essa temática deve continuar a ser discutida entre os profissionais da educação, pois no interior das instituições escolares existe uma diversidade de indivíduos e esses se diferenciam tanto em suas identidades com suas limitações, quanto em suas culturas. De maneira que todos que fazem a escola precisam estarem inseridos junto a essa concepção ideológica para que o processo inclusivo não se apresente apenas nos documentos oficiais, mas que chegue também a prática pedagógica do professor.

O projeto de intervenção veio somar e ampliar o campo de conhecimentos dos alunos, pois diante das aulas ministradas todos foram participativos sempre interagindo e debatendo sobre o tema.

Os objetivos expostos no decorrer deste artigo foram alcançados. E hoje entendemos que a inclusão escolar se dá de fato quando todos que compõem a escola trabalham juntos com um mesmo objetivo o de incluir.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M.J. Retrospectiva histórica da didática e o educador. **Departamento de Educação da Universidade Católica**, Pernambuco, v 2. n 2, p.38-60, dez. 2016.
- BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: Brandão, C. R (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. p.43.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Câmara dos Deputados**: Brasília, DF, ano 2016. p.55 -61.
- CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.13 n37, p.45-56, jan./abr.2008.
- CARVALHO, R. E. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 120.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.37.
- DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade**. Em A socialização. Porto: Porto Editora, 1997. p. 36
- FARIA, E.; SOUZA. V.L.T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v.15 n.1, p. 35 – 42, jan./jun. 2011.
- FERNANDES L. A.; Gomes, J. M. M. Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: **Características e modalidades de investigação**. Contexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003.
- GALLIANO, A.G. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986. p.26.
- LUCK, H. **Dimensões da Gestão Escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009. p. 95.
- MONTEIRO, M. S. Resignificando a educação: a Educação Inclusiva para seres humanos especiais. **Tv e Brasil**, 2001. Disponível em: www.tvebrasil.com.br. Acesso em: 15 de março de 2019.

SCHMIDT, M.L.S. **Pesquisa participante**: Alteridade e comunidades interpretativas. São Paulo: Psicologia USP, p. 11-41.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b, p. 73-102.

CANEN, A. XAVIER, G.P.M. Formação continuada de professores para diversidade cultural: ênfases, silêncios, e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.16 n.48, p.641 – 661, set./dez.2011.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, que está presente em toda minha vida.

À minha família que sempre me deu força e incentivo para concluir meu curso superior. Em especial meu marido que sempre me encorajou nas horas que eu pensava em desistir.

À professora/ orientadora Ruth Ribeiro, que acreditou na minha capacidade sempre me sugerindo leituras ao longo dos estágios bem como a orientação e a dedicação.

A todos os funcionários da UEPB desde o cargo mais simples até o mais elevado, que fizeram dos nossos sábados momentos únicos em nossas vidas.

As amigas, em especial Maria Aparecida, Lidivania, Laila e Maria Valdileide que fizeram e fazem parte da minha vida e da minha história de sucesso...

Ao ex- prefeito José Pedro e sua irmã Cristina Pedro, ambos me fizeram descobrir minha real vocação: a de ser professora e de transmitir conhecimento.

À CAPES e ao PARFOR, que proporcionou uma educação de qualidade, através dos recursos financeiros e professores qualificados, tornando nossa formação mais prazerosa e o aprendizado mais eficaz.

A todos meus sinceros agradecimentos!